



A GRATIDÃO DO HUMILDE: UMA ANÁLISE DO POEMA *ORAÇÃO DO MILHO* DE CORA CORALINA

Jildonei LAZZARETTI (UNEMAT)¹

Resumo: Este artigo desenvolve uma análise do poema *Oração do milho*, de Cora Coralina, com base no método proposto por Antônio Candido na obra *Estudo analítico do poema* (1996). Sob essa perspectiva, a análise inicia-se com o comentário de partes constitutivas do poema, como o trajeto de vida da autora, o contexto histórico, a relação entre estrutura e significado, bem como as possibilidades de intertextualidade estabelecidas no poema. Posteriormente, a partir do que foi comentado, desenvolve-se uma interpretação da totalidade do texto que resulta na hipótese plausível de que o milho, enquanto sujeito orante, seja a representação de determinados indevidos ou grupos sociais, cujo valor não é reconhecido na sociedade, mesmo sendo indispensáveis para o desenvolvimento da mesma.

Palavra-chave: Oração do milho, Cora Coralina, poema.

Abstract: This paper develops a poem analysis *Corn Prayer*, Cora Coralina, based on the method proposed by Antonio Candido in the work *Analytical study of the poem* (1996). From this perspective, the analysis starts with the comment constituent parts of the poem, as the way of life of the author, the historical context, the relationship between structure and meaning, as well as possibilities of intertextuality established in the poem. Later, from what was discussed, develops an interpretation of the whole text that results in the plausible hypothesis that corn as the subject prayer, is the representation of certain improper or social groups, whose value is not recognized in society, it being necessary for its development.

Keywords: prayer corn, Cora Coralina, poem.

1. Introdução

De acordo com Antônio Candido, em sua obra *Estudo analítico do poema*, a análise de um poema deve ser constituída por dois momentos: o **comentário**, que consiste na análise objetiva das partes internas do poema e dos mecanismos da linguagem contidos nele; e a **interpretação**, que é uma análise da totalidade do poema (Cf. CANDIDO, 1996, p. 18).

Esta análise do poema *Oração do milho*, de Cora Coralina, estará dividida conforme essa concepção teórica de Antônio Candido. Ou seja, primeiramente se fará o comentário, enquanto análise das partes, e posteriormente se fará a interpretação do poema num todo.

¹ Graduado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis-GO. Graduando em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres-MT/Brasil. jildoneilazzaretti@hotmail.com.



2. Comentário das partes

Para desenvolver um comentário acerca do poema, é preciso considerar que o texto não pode ser entendido por ele mesmo isoladamente. Mas deve-se considerar o contexto no qual ele foi escrito, bem como quem o escreveu. Sendo assim, é importante considerar o contexto histórico em que o poema *Oração do milho* foi produzido, e a vida de sua autora Cora Coralina. Além disso, no que diz respeito ao texto, é fundamental analisar suas partes, sua estrutura e significado, assim como seu potencial de intertextualidade.

2.1 A autora

Cora Coralina é o pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, que nasceu em Vila Boa de Goiás, em 20 de agosto de 1889.

Em junho de 1911, a poetisa conheceu Cantídio Tolentino Bretas, o novo chefe de polícia local, por quem se apaixonou. Como Cantídio era separado e tinha 21 anos a mais do que Cora, sua mãe proibiu o namoro. Então, na madrugada do dia 25 de outubro daquele mesmo ano, quando Cora já estava grávida de dois meses, o casal fugiu para o interior de São Paulo, onde viveram até 1934. Eles tiveram seis filhos, 16 netos e 29 bisnetos.

Desde os 14 anos, Cora Coralina escrevia seus poemas e contos, mas só aos 76 anos ela conseguiu publicar seu primeiro livro. Uma das razões desse longo período certamente foi seu envolvimento e preocupação com a família, principalmente com os filhos:

Aconteceu que, quando eu criava os filhos, muito pouco eu escrevia, quase nada. Como eu sempre fui uma criatura de comunicação, escrever para mim, prosa ou verso, é uma forma de comunicação. Eu não podendo publicar, também não me interessava escrever. E os filhos, e a vida doméstica, sempre me dominaram. (...) De modo que quando eu vim a escrever o meu primeiro livro, eu era maior de 70 e muitos anos. (CORALINA apud: SALLES, 2004, p.76).

Depois da morte de seu marido, em 1934, Cora Coralina ainda ficou em São Paulo trabalhando como vendedora de livros da editora José Olympio, onde aguçou ainda mais seu envolvimento com a leitura e o desejo de escrever.



Em março de 1956, Cora Coralina retornou para a cidade de Goiás, sua terra natal, da qual saíra há mais de 45 anos. Em Goiás, ela acaba sofrendo muita rejeição, seja pelo modo como havia saído da cidade (fugindo da família), seja pelo seu desejo (tardio) de realizar seu sonho de publicar um livro. Nesse contexto, Cora Coralina isolou-se na sua casa em Goiás (que ela chamava de “Casa velha da ponte”), onde desenvolveu seu ofício de doceira e buscou inspiração para escrever seus poemas:

Sim, foi naquele meio, afastada de tudo o que me prendia, sozinha, longe da vida de meus filhos (porque uma mãe quando mora com os filhos vive a vida de todo o mundo, menos a dela). Quando eu senti uma necessidade imprecisa, obscura de me por de longe, eu tinha qualquer coisa que me forçava a isso. Em Goiás, vamos dizer assim, abriram-se as portas do pensamento e escrevi o primeiro livro publicado (CORALINA apud: ARAÚJO, 1977).

Mesmo tendo estudado somente na escola primária, Cora tinha uma grande bagagem de leitura, que a capacitou a ser uma grande escritora. Os principais autores que lhe influenciaram e impressionaram, foram Eça de Queirós e Guimarães Rosa. Além disso, seu livro predileto era o dicionário, o qual ela carregava sempre consigo:

O grande livro de amor de quem, como eu, só teve uma escola primária: o dicionário. Dicionário é um livro de amor, o meu livro de amor. Eu fazia doce, mas meu dicionário estava na mesa da cozinha: cheio de melado, de dedada de manteiga, de melado, de gema de ovo. E me valeu. Hoje, jovem não abre dicionário, jovem não abre dicionário (CORALINA, 1981).

Seu primeiro livro “*Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*” (no qual consta o poema *Oração do milho*) foi publicado em 1965, justamente pela editora José Olympio, na qual ela havia trabalhado como vendedora.

2.2 O contexto histórico

O poema *Oração do milho* foi publicado inicialmente em 1962, na Revista Anhembi, e em 1965 no livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. Deste modo, seu contexto histórico corresponde à primeira metade da década de 60. Durante esse período deve-se observar de forma mais relevante o contexto social e político do Brasil.



Em relação ao contexto social, Cora Coralina acabou contrariando o padrão de família e a concepção de mulher em voga na sua época. Durante sua vida, vários acontecimentos mostram que ela se opôs a visão patriarcal de família que havia em seu tempo: a) primeiramente seu envolvimento com o delegado Cantídio, por ser um homem separado e com o dobro da idade dela; b) além disso, o fato de que a autora ficou grávida antes de se casar, era considerado um escândalo socialmente; c) outro escândalo social foi ela ter fugido com seu futuro esposo. Tendo constituído uma família com Cantídio, Cora não foi uma mulher totalmente submissa e dependente do marido, como os padrões da época orientavam, mas conseguiu um trabalho como vendedora de livros, contribuindo assim para a renda familiar, e aos poucos adquirindo sua autonomia.

Quanto ao contexto político, percebe-se que as duas publicações do poema (em revista e em livro) aconteceram logo após dois momentos de grande crise na política brasileira. A primeira publicação (1962) foi antecedida pela renúncia do presidente Jânio Quadros em 25 de agosto de 1961, fato que trouxe várias incertezas para o país. Esse presidente, em sua gestão de apenas oito meses, tomou diversas decisões prejudiciais para o país. No âmbito econômico, uma de suas medidas foi a redução dos subsídios às importações de produtos como o trigo e a gasolina, o que elevou o preço do pão e dos transportes. Assim, um dos alimentos básicos (o trigo) estava com preços muito elevados, fazendo com que poucos tivessem acesso a ele e a seus derivados. Esse contexto certamente favoreceu para que, em seu poema, Cora Coralina comparasse o milho (alimento “humilde e necessário”) ao trigo (que no momento era um alimento necessário, mas de custo elevado).

Já a segunda publicação (1965) foi antecedida pelo início da Ditadura Militar, que se efetivou a partir de um golpe de Estado em 31 de março de 1964. Assim, estava-se em um contexto político de repressão e de censura. Como se observa no poema *Oração do milho*, não há nenhuma crítica explícita ao governo militar e ao seu regime ditatorial, até porque tal engajamento político não era uma das características principais de Cora Coralina. No entanto, com a contraposição que ela faz entre o milho e o trigo, é possível constatar uma crítica à desigualdade social entre as classes, marcada pelo contraste entre ricos (trigo) e pobres (milho), entre patrões (trigo) e operários (milho).

2.3 Estrutura e significado



O poema *Oração do milho* (assim como outros poemas de Cora Coralina) quando foi publicado em livro acabou sofrendo alterações em sua estrutura e organização das estrofes, se comparado com a primeira publicação em revista. Tal modificação estrutural era uma constante nos poemas de Cora, como se refletissem uma “depuração” que ela realizava em suas obras, mesmo depois de publicadas.

A estrutura última do poema *Oração do milho* apresenta uma divisão em três estrofes: a primeira sendo do verso 01 ao 17; a segunda do verso 18 ao 28; e a terceira do verso 29 ao 48. Deste modo desenvolve-se a organização do poema:

Oração do Milho

- 1 Senhor, nada valho.
- 2 Sou a planta humilde dos quintais pequenos
- 3 e das lavouras pobres.
- 4 Meu grão, perdido por acaso,
- 5 nasce e cresce na terra descuidada.
- 6 Ponho folhas e haste,
- 7 Se me ajudardes, Senhor,
- 8 Mesmo planta do acaso, solitária,
- 9 Dou espigas e devolvo em muitos grãos
- 10 O grão perdido inicial,
- 11 Salvo por milagre,
- 12 Que a terra fecundou.
- 13 Sou a planta primária da lavoura.
- 14 Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo,
- 15 E de mim não se faz o pão alvo universal.
- 16 O justo não me consagrou Pão da Vida
- 17 Nem lugar me foi dado nos altares.

- 18 Sou apenas o alimento forte e substancial
- 19 Dos que trabalham a terra,
- 20 Onde não vingam o trigo nobre
- 21 Alimento dos rústicos e animais do jugo.
- 22 Quando os deuses da Hélade corriam pelos bosques,
- 23 Coroados de rosas e de espigas,
- 24 Quando os hebreus iam em longas caravanas
- 25 Buscar na terra do Egito o trigo dos faraós,
- 26 Quando Rute respigava cantando nas searas de Booz
- 27 E Jesus abençoava os trigais maduros,
- 28 Eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.

- 29 Fui o angu pesado e constante do escravo
- 30 Na exaustão do eito.
- 31 Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.
- 32 Sou a farinha econômica do proprietário,
- 33 Sou a polenta do imigrante
- 34 E a amiga dos que começam a vida em terra estranha.
- 35 Alimento de porcos



- 36 E do triste mu de carga,
- 37 O que me planta não levanta comércio,
- 38 Nem vantagem dinheiro.
- 39 Sou apenas a fartura generosa
- 40 E despreocupada dos paióis.
- 41 Sou o cocho abastecido donde ruma o gado.
- 42 Sou o canto festivo dos galos
- 43 Na glória do dia que amanhece.
- 44 Sou o cacarejo alegre das poedeiras à volta dos ninhos.
- 45 Sou a pobreza vegetal
- 46 Agradecida a vós, Senhor,
- 47 Que me fizestes necessário e humilde.
- 48 Sou o milho! (CORA, 1965)

As três estrofes apresentam grandes diferenças entre si, tanto na quantidade de versos, quanto no número de sílabas que compõem cada verso; possuindo, assim, uma estrutura de versos livres. Esse tipo de estrutura fornece algumas características da prosa ao texto, entre elas a forma narrativa.

Como o poema não possui uma estrutura rígida, mas uma aparência de versos livres, é perceptível que a estrutura em si (das estrofes e dos versos) não possui diretamente uma influência semântica. Ou seja, não é possível apenas pela estrutura constatar a produção de sentido.

Deste modo, é necessário analisar outro aspecto da estrutura do poema. Uma observação minuciosa das palavras que o compõem aponta para uma análise a partir dos elementos gramaticais, que parecem exercer grande influência na constituição do significado.

Comparando os dez primeiros versos (v.1 ao v.10) com os dez últimos (v.39 ao v.48), percebe-se uma estruturação gramatical que influencia consideravelmente na questão semântica. Nos dez primeiros versos, encontram-se oito adjetivos (sete adjetivos propriamente ditos e uma locução adjetiva) que são utilizados com conotação negativa (“humilde”, “pequenos”, “pobres”, “perdido”, “descuidada”, “de acaso”, “solitária”, “perdido”), reforçando a ideia de simplicidade e pequenez do milho. Já nos dez últimos versos, nota-se a presença de oito adjetivos (“generosa”, “despreocupada”, “abastecido”, “festivo”, “alegre”, “agradecida”, “necessário” e “humilde”) que são utilizados em sentido positivo em relação ao milho, exaltando-o. Isto é, nos dez primeiros versos são utilizados adjetivos que enfatizam a ideia de “auto humilhação” por parte do milho; enquanto que nos dez últimos versos os adjetivos indicam o valor e a importância desse grão.



Assim, o poema inicia-se com um ato de humildade por parte do milho, e se encerra com o reconhecimento, por parte do próprio milho, acerca de sua importância. A atitude primeira de “auto humilhação” tem sua síntese na expressão “nada valho”, presente no verso inicial. Já a atitude última de reconhecimento do próprio valor está resumida no penúltimo verso, quando o milho se depara com sua própria realidade, vendo-se como “necessário” (indispensável) e “humilde” (simples).

Em relação ao conteúdo, como já foi mencionado, o poema inicialmente possui uma atitude de humildade por parte do milho. Esse ato de rebaixamento se estende do verso 01 ao 12. Posteriormente, dos versos 13 ao 28, o “eu poético” (que é o próprio milho) percorre sua genealogia, comparando-se com o trigo. Nessa comparação, o milho novamente fica numa posição de inferioridade: no âmbito econômico (o milho foi alimento sempre dos mais humildes, enquanto que o trigo foi dos poderosos), no aspecto geográfico (o milho surge na América, enquanto que o trigo estava nas grandes civilizações do Egito, da Grécia e da Terra Santa) e na dimensão religiosa (o trigo foi utilizado por Jesus como substância da Eucaristia, enquanto que o milho nem recebeu “lugar nos altares”).

Já dos versos 29 ao 38, o eu poético menciona aquilo que o milho foi ao longo da história, sendo sempre alimento dos marginalizados na sociedade: os escravos, o pequeno sitiante, o proletário, o imigrante. E dos versos 39 ao 48, como já mencionado, tem-se um valorização de si mesmo, por parte do milho. Tal valorização é seguida de um agradecimento a Deus, reconhecendo que tudo que ele é (todo seu ser) provêm de Deus.

Deste modo, sob a perspectiva do catolicismo (na qual Cora Coralina foi criada), pode-se dizer que o poema segue a estrutura própria de uma oração, pois se inicia com um ato de humildade, que, segundo Santo Agostinho, é uma disposição necessária para a oração (AGOSTINHO apud: CIC, 2000, p. 657). Posteriormente, segue-se um ato de reconhecimento da própria realidade (de seu valor e importância) e o agradecimento a Deus por ter lhe feito “necessário e humilde”. Essa atitude de gratidão a Deus está em consonância com o aspecto religioso (ênfático pela alusão a fatos bíblicos) presente na linguagem do poema, e que se apresenta como uma das possibilidades de abordagem intertextual.

2.4 Intertextualidade



No poema *Oração do milho*, é possível estabelecer uma relação de intertextualidade a partir de três aspectos: as referências históricas e literárias, a presença do alimento na literatura e o conceito de oração.

Em relação ao primeiro ponto, é notável no texto a referência a acontecimentos bíblicos. Os versos 24 e 25, que falam dos hebreus indo em caravana ao Egito para buscar trigo, refere-se ao fato presente no livro do Gênesis 42, 1-6, que descreve Jacó enviando seus dez filhos ao Egito para comprar trigo, devido à fome que assolava a terra de Canaã. O verso 26 consta no livro de Rute 2, 2-8, onde a personagem homônima acaba exercendo a função de respigar (fazer a segunda colheita) nas lavouras de trigo de um homem nobre chamado Booz. Quanto ao verso 27, que fala de Jesus abençoando os trigais, não possui uma correspondência direta com o texto bíblico; porém, no Evangelho de Mateus 12,1 é narrado um fato semelhante, em que Jesus andava entre os trigais.

Além da referência cristã, o poema faz menção também à mitologia grega, nos versos 22 e 23. A expressão “deuses da Hélade” significa deuses gregos, visto que “Hélade” era o antigo nome do atual território da Grécia. O verso 23 descreve os deuses como estando coroados de “rosas” e “espigas”. Na verdade, o único personagem da mitologia grega que é coroado por espigas de trigo é a deusa Demeter, que é justamente a deusa da agricultura.

Já em relação ao segundo ponto de intertextualidade (a presença do alimento na literatura), Antônio Candido na sua obra *Literatura e sociedade*, no capítulo *Estímulos da criação literária*, menciona sobre a função do alimento na literatura, tanto dos povos primitivos quanto dos civilizados. Segundo ele, na literatura dos povos primitivos, o alimento era praticamente divinizado, devido à dificuldade dos povos em adquiri-lo:

É o problema da "sacralização do alimento", isto é, a formação de representações mentais e de práticas que tendem a conferir à comida, à sua busca e à sua ingestão, um caráter mágico, ritual ou poético. Nos povos primitivos, a construção da dieta depende de um abastecimento bastante precário, que a submete a um ritmo irregular, em que as quadras de fartura e desbragado consumo alternam com outras de privação extrema. Dá-se inclusive o fato de alguns alimentos parecerem com exclusividade num determinado momento, para logo depois cederem lugar a outro. Há, portanto, uma série de problemas suscitados a todo instante com premência angustiada, motivando tensão emocional, com formação de interditos, normas de etiqueta, exaltação da realidade (CANDIDO, 2006, p. 65-66).

Quanto a essa postura dos povos primitivos em relação ao alimento, Candido concorda com Audrey Richards: "O alimento é fonte de algumas das suas emoções mais



intensas, fornecendo a base para algumas das suas ideias mais abstratas e para as metáforas da sua vida religiosa" (RICHARDS apud: CANDIDO, 2006, p. 66).

Já nos povos civilizados, o alimento assume a função de elemento descritivo, que compõe o cenário e, ao mesmo tempo, funciona como recurso de composição. Candido exemplifica por meio de um jantar narrado na obra *A ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queirós, onde há uma travessa de ovos queimados, que fazem parte do cenário, mas também revelam o desafeto da dona da casa pelo seu visitante (Cf. CANDIDO, 2006, p. 73).

No poema de Cora Coralina, pode-se dizer que o milho, enquanto alimento, assume essas duas funções: a da literatura primitiva e a da civilizada. A primeira porque ele é o protagonista e inclusive o eu poético; e a segunda porque a referência ao milho aponta para uma constituição de significado que está para além desse vegetal e não se esgota nele, funcionando como recurso de composição da realidade social.

Por fim, como terceiro ponto de intertextualidade, é possível relacionar o poema com o conceito de oração. Como já mencionado anteriormente, na concepção do catolicismo (no qual Cora foi formada), um dos pressupostos básicos da oração é a humildade, o despojamento de si mesmo, a fim de que o “sujeito orante” esteja em condições mais adequadas para orar. Nesse sentido, João Damasceno define a oração como “a elevação da alma a Deus” (DAMASCENO apud: CIC, p. 657). Sob essa perspectiva, obviamente, o milho não seria sujeito da oração, visto que ele não possui alma. Esse fato abre uma possibilidade bastante plausível de interpretação: a de que o milho seria uma metáfora das pessoas que, assim como ele, são necessárias e humildes.

3. Interpretação da totalidade

Continuando o percurso teórico indicado por Antônio Candido, após o comentário de partes da obra, é necessário agora desenvolver uma interpretação do todo. Partindo do fato anteriormente observado de que o milho enquanto ser inanimado (desprovido de alma) não consiste em um sujeito orante, e considerando os demais elementos comentados acerca do contexto e da estrutura do poema, é possível interpretar que o milho, enquanto “eu poético”, está posto como a personificação de determinados indivíduos, ou de um grupo social.

O milho, como ser “necessário e humilde”, representa as pessoas que na sua simplicidade muitas vezes são marginalizadas e excluídas pela sociedade; e que, ao mesmo tempo, são exploradas por ela, exercendo trabalhos e funções indispensáveis, mas que são



pouco valorizadas e reconhecidas. Não tendo o devido reconhecimento na sociedade, o milho como “eu poético” recorre a Deus em atitude de oração. No entanto, essa oração não é uma simples súplica de alguém que recorre à intervenção divina para alcançar o reconhecimento que a sociedade não lhe dá. Mas, a oração proferida pelo milho é um ato de agradecimento por sua própria vida, tanto por seus aspectos negativos como positivos, tanto por sua simplicidade como por sua utilidade.

4. Considerações finais

Tendo realizado o comentário das partes do poema, e alcançado uma hipótese muito plausível de interpretação do mesmo, torna-se perceptível que o poema *Oração do milho* revela-se como a síntese do pensamento de Cora Coralina, enquanto mulher simples, mas dotada de uma vasta cultura. Isso se percebe pelos seguintes aspectos presentes no texto: uma *crítica à estrutura social* (própria de uma visão culta e reflexiva), aliada a uma *simplicidade interiorana*, que utiliza como “referenciais teóricos” elementos próprios do seu cotidiano: a religiosidade, a culinária, o trabalho agrário e a vida no campo. Portanto, esse poema, enquanto manifestação do pensamento de Cora, expressa uma relação dialética entre uma mentalidade crítica e uma visão interiorana.

5. Referências

AGOSTINHO, Santo. Sermões. Apud: **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 657.

ARAÚJO, Celso. Os pensamentos de Cora. **Jornal de Brasília**, Brasília, 1977.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

CANDIDO, Antônio. **O estudo analítico do poema**. 9 ed. São Paulo: Humanitas, 1996.

_____. Estímulos da criação literária. In: _____. **Literatura e sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CORALINA, Cora. Oração do Milho In: _____. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965.



_____. **Oração do milho**. Revista Anhembi, São Paulo, v. XLVII, n.º 141, ago. 1962. p. 453-454.

_____. CORA Coralina, aos: eu sou a própria terra. **Correio Brasiliense**, Brasília, 20 dez. 1981.

_____. CORA Política Coralina. **Jornal de Brasília**, Brasília, 7 out. 1984.

DAMASCENO, São João. De fide orthodoxa. Apud: **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 657.

SALLES. Mariana de Almeida. **Cora Coralina: uma análise biográfica**. Monografia (Graduação em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2004.